

CALLIGARIS, Contardo – *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 1991.

Roberto S.C. Moreira  
Doutorando em Sociologia, UnB

Contardo Calligaris é psicanalista, de filiação lacaniana. Italiano de origem, trabalhava em Paris até que, em 1985, conheceu o Brasil, começando um processo de aproximação que o faria mudar-se para Porto Alegre em 1989. *Hello Brasil!* é, como indica o subtítulo, a reunião de suas notas de viagem pelo país, enquanto psicanalista e enquanto europeu. Estes dois atributos lhe qualificam a tarefa: Calligaris lança um olhar de estranho que estranha e com isto obtém pistas interessantes para explicações possíveis sobre a permanente questão da identidade brasileira.

A rigor, e de resto por expressa manifestação do autor, o livro insere-se na já longa tradição de cronistas que registraram suas impressões de viagens pelo Brasil. A novidade é que, não sendo um livro de psicanálise, usa o instrumental psicanalítico para explorar e refletir sobre uma realidade que sempre se apresenta como um enigma a ser decifrado. Por isso mesmo, de uma certa forma é de se lamentar que Calligaris tenha deliberado circunscrever seu livro nos limites do gênero “crônica de viagem”, uma vez que o que suas observações têm de instigante – este o adjetivo que me parece melhor caracterizá-las – estaria a pedir trabalho de maior fôlego e sistematização.

Esta qualidade estimulante de *Hello Brasil!* talvez só possa ser devidamente apreendida e aproveitada se o leitor – principalmente o não-iniciado na seara psicanalítica – não opuser resistência prévia à abordagem utilizada. Dito de outra forma: que não se queira ler em chave de aferição da veracidade factual histórica ou sociológica *stricto sensu*, pois o livro torna-se ininteligível fora do contexto da teoria psicanalítica. Não se trata de querer que as reflexões produzidas por esta via de abordagem sejam pronta e alegremente adotadas como verdades científicas positivamente acabadas, pois que isto talvez não faça mesmo

parte de seu escopo. Daí que não faz sentido cobrar evidências históricas que comprovem suas metáforas explicativas. Basta considerá-las como tal: metáforas explicativas; e já se terá em mãos um poderoso instrumento para se fazer uma teoria crítica do social.

Como explica Calligaris, “a estrutura simbólica que nos faz sujeitos – por ser singular – não deixa de ser tomada em rede maior, cultural, que é privilegiadamente a rede que uma história nacional organiza” (p. 117). E assim se fere, pelo lado psicanalítico, o nó da relação indivíduo-sociedade, que, afinal, é o entroncamento gerador de grande parte das ciências sociais. Segundo o mesmo Calligaris, em outro texto, não existe uma psicanálise do individual e outra do social, uma vez que a singularidade individual “é sempre o efeito de uma rede discursiva, que é a rede mesma do coletivo”.

Esta é, na verdade, a explicação dos objetivos da coleção intitulada “O Sexto Lobo – Clínica do Social”, da qual *Hello Brasil!* faz parte. São esclarecedoras destes objetivos as citações retiradas de *Mal-estar na civilização* que servem de epígrafe à coleção. Trata-se, como se pode depreender, de retomar o “Freud sociológico”, objeto de recente estudo do professor João Gabriel L.C. Teixeira, valendo lembrar ainda que outro participante do “Sexto Lobo”, Jurandir Freire Costa, conseguiu grande repercussão há cerca de três anos com o texto “Narcisismo em Tempos Sombrios”. Isto talvez demonstre que é chegada a “hora do lobo” neste Brasil esquecido de si mesmo.

É mesmo nesta direção que Calligaris aponta a possibilidade de uma saída para nossos tempos sombrios, ao dizer que é só do investimento cultural que se pode esperar a invenção de uma instância simbólica verdadeira “que permitiria a cada um finalmente *ser* e não *estar* brasileiro; e daria a ‘brasileiro’ uma significação definitivamente outra do que a proposta pelo colonizador” (p. 67).

No jargão psicanalítico, a patologia brasileira estaria nas dificuldades nacionais com a função paterna, efeito da situação colonial – “Qualquer país colonial deveria ser uma terra de eleição para a psicanálise” (p. 156) – que, tendo realizado uma fundação fracassada, não conseguiu instituir uma ordem simbólica sustentada pelo significante nacional. “O país não soube ser pai” (p. 21). Não se trata, esclarece Calligaris, da falta de sentimento patriótico, mas “de uma dificuldade relativa ao UM, ao qual uma nação refere os seus filhos, relativa ao significante nacional na sua história e na sua significação” (p. 15).

Daí a curiosa situação de “exclusão interna” dos brasileiros em relação à sua identidade nacional, a qual, de resto, tinha sido registrada por Sérgio Buarque de Hollanda, em 1936, ao dizer, em *Rafes do Brasil*, que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”.

Mas, Calligaris diz também que não tem “qualquer sonho pós-he-

geliano de uma unidade que milagrosamente conciliaria os interesses particulares, soldando sociedade civil e sociedade política: o que uma fundação exitosa ofereceria eventualmente não e nada mais – e nada menos – que um significativo que não implica paixão patriótica nenhuma, só uma referência simbólica para a lei que permitiria a convivência da comunidade” (p. 101).

De qualquer forma, ainda que sabidas as razões de formação histórica, uma pergunta permanece: por que deu no que deu? O que leva ao fracasso e não ao êxito de uma fundação? Para o autor, “que o UM nacional valha ou não como referência para todos, talvez dependa das condições de sua instituição. E no Brasil, ele parece ter sido proposto ao colono, não como valor simbólico onde ser reconhecido e se reconhecer, mas como marca de uma prepotência exploradora” (p. 32). Para Calligaris continua “parecendo decisivo, como uma mancha inapagável, o engano perpetrado ao colono”, que se confirma na separação entre propriedade e posse da terra, característica da colonização brasileira.

Esta separação é exemplar das duas figuras de retórica ou posições subjetivas com as quais Calligaris trabalha, o colonizador e o colono: “o colonizador goza do poder da sua língua e do seu nome (usurpados) sobre a nova terra, e o colono – privado de nome, de título – chega na esperança de conquistar o nome trabalhando uma terra que ainda não é sua, na mesma medida em que ela ainda não permite que o colono seja dela. Então, a propriedade ao colonizador e a posse do colono” (p. 148). O resultado, passados quase quinhentos anos, é sofreremos todos de um aparentemente incurável complexo de colonizado, sempre tentando “acertar o passo”, “pegar o bonde da história”, “colocar as idéias no lugar”.

Esta questão da autenticidade e da cópia em relação às antigas metrópoles ou ao Primeiro Mundo de hoje, no qual se deseja tanto entrar, comparece em *Hello Brasil!*, bem como quase todos os demais temas que reiteradamente povoam os estudos sobre a identidade brasileira: carnaval, jeitinho, malandragem, identidades regionais, preguiça, antropofagia, confusão entre esferas pública e privada, implantação da indústria cultural, papel dos intelectuais, etc. Nota-se a ausência das religiões, o que teria sido um bom mote, freudianamente chancelado como importante.

Pena, como já ficou dito, que tudo se restrinja a “notas de viagem”. Esta talvez a principal crítica ao trabalho de Contardo Calligaris, junto com outras mais ou menos óbvias, como um talvez inescapável etnocentrismo e uma compreensível concentração de atenção na parte sul do país.

Explicitando o meu “lugar de fala”, para usar a expressão consagrada, de maneira talvez meio imprópria, ao ler *Hello Brasil!*, eu, como

brasileiro, me senti falado pelo outro que aqui veio me ver; como mineiro, resenti da ausência da mineiridade; como neto de italianos, me achei capacitado a compreender melhor certas observações; e como sociólogo sequer psicanalisado, espero ter correspondido à perspectiva do diálogo interdisciplinar. Que *Hello Brasil!* por sua oportunidade no momento do país e por sua capacidade estimulante, sirva para que outros ou o próprio autor prossigam na tarefa predileta do pensamento nacional que é continuamente descobrir ou inventar o Brasil.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. *A teoria da sociedade em Freud*. São Paulo: EPU, 1991. (Temas básicos de sociologia e ciência política)

Maria Lúcia de Santana Braga  
(Mestranda em Sociologia – UnB)

O diálogo entre as ciências sociais e a psicanálise tem se revelado difícil e pouco produtivo no Brasil. Basta revermos rapidamente as relações entre as duas disciplinas para constataremos esse fato. Roger Bastide e Florestan Fernandes, nas décadas de 40 e 50, se propuseram a estreitar as relações entre as ciências sociais e a psicanálise. No entanto, a dimensão dessas tentativas ainda está para ser analisada.

Recentemente, já nos anos 80, as ciências sociais se voltaram para a reflexão sobre a sua própria produção e a sua relação com outras disciplinas científicas, entre estas a psicanálise. A redefinição sempre presente do objeto das ciências sociais vem remetendo a um diálogo mais constante com outras disciplinas.

Nesse contexto, é que se insere o estudo de João Gabriel Teixeira com a proposta de constituir uma sociologia freudiana objetivando a introdução da teoria psicanalítica nos currículos universitários, particularmente nas ciências sociais. Consiste em um estudo sistemático e comparativo das principais obras de Freud de caráter sociológico.

Procurando compreender categorias freudianas como complexo de Édipo, narcisismo, neuroses obsessivas e outras, o autor visa elaborar uma sociologia do inconsciente que possa estabelecer as relações entre ideologia e inconsciente. Para isso, a sociologia de Freud é dividida em três áreas: 1) Civilização, Religião e Sociedade; 2) Teoria da Vida Social em Grupo; e 3) A noção de Inconsciente. Através do estudo cronológico da obra de Freud, procedimento geralmente adotado, Teixeira aponta e discute uma série de heresias que constitui as bases da resistência em uma maior aceitação da psicanálise pelas ciências sociais.